

## Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Daniela Bittencourt, pesquisadora da Embrapa, destaca como a capital federal impulsiona estudos inovadores com a planta cannabis e projeta um futuro de soberania tecnológica para o coração do país, com rigor técnico e resiliência política

# Ciência para quebrar tabus

» LETÍCIA MOUHAMAD

**F**uturo, planejamento e ousadia. Para Daniela Bittencourt, de 48 anos, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), as três palavras se relacionam tanto a Brasília quanto ao fazer científico, área à qual se dedica há pelo menos 20 anos. Hoje, ela é um nome de peso em pesquisas de ponta, como a biologia sintética, e, mais recentemente, nos estudos com a planta cannabis. Apesar de nascida em Uberaba (MG), ela tem a capital federal como base. Foi aqui que uniu formação científica, atuação institucional e compromisso com temas estratégicos para o Brasil.

“A cidade nasceu de uma visão ambiciosa de país, e essa ideia de imaginar o que ainda não existe dialoga bem com a pesquisa científica. Trabalhar com inovação exige exatamente isso: pensar adiante, questionar limites e construir caminhos novos com responsabilidade, sem perder o compromisso com a ética, a inclusão e o interesse público”, diz a secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em cannabis.

Para ela, a ciência não é um campo estático, mas um organismo vivo que exige adaptação e, acima de tudo, um propósito social claro. “Minha trajetória sempre foi marcada pela curiosidade científica e pelo interesse em compreender a

vida em profundidade, desde os sistemas biológicos mais complexos até suas aplicações práticas para a sociedade”, explica, reforçando que sua entrada na Embrapa, em 2007, foi o passo decisivo para unir a pesquisa de laboratório à estratégia de Estado.

### Além do laboratório

Em solo brasiliense, ela encontrou o ambiente ideal para exercer ciência de impacto, capaz de gerar inovação e responder a desafios concretos do país. Diferentemente de outros polos acadêmicos, a capital oferece a Daniela uma proximidade única com os centros de decisão. Para a pesquisadora, o fazer científico no Distrito Federal ganha uma camada institucional robusta, na qual o laboratório precisa dialogar constantemente com ministérios e agências reguladoras.

“Estar aqui significa atuar em um ponto de convergência. Brasília me ensinou que o avanço científico depende de redes, de cooperação e, principalmente, de coragem para defender agendas inovadoras, mesmo quando elas ainda enfrentam resistências”, observa a pesquisadora.

Ao assumir o protagonismo em temas de vanguarda, como a biologia sintética e os estudos com cannabis, Daniela passou a ocupar um espaço de liderança que exige tanto rigor técnico quanto resiliência política. Ela encara o

Arquivo pessoal



A pesquisadora é secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em Cannabis

pioneirismo com uma serenidade estratégica, compreendendo que pavimentar novos caminhos na capital federal exige paciência para substituir o preconceito pela evidência. “Pavimentar esse caminho não é apenas defender um tema, mas ajudar a criar bases para que ele seja tratado com

responsabilidade, segurança e relevância para o país”, avalia.

Nesse processo de desmistificação, Daniela assume também um papel de mentoria para as novas gerações. “Trabalhar com temas cercados de tabu exige preparo técnico, mas também maturidade para lidar com resistências, interpretações

equivocadas e até julgamentos precipitados. É importante estudar profundamente, construir credibilidade, dialogar com diferentes públicos e manter clareza sobre o propósito do trabalho. A ciência tem justamente esse papel: lançar luz sobre temas complexos e substituir o preconceito pela evidência”, orienta.

### Polo de pesquisa

Além do rigor técnico, há uma forte conexão afetiva e ambiental em seu trabalho. Daniela enxerga o potencial do Cerrado não apenas como um cenário, mas como um ativo estratégico para a soberania nacional. Suas pesquisas atuais propõem um modelo de desenvolvimento que respeita a biodiversidade local enquanto busca inovação de alto valor agregado.

“Durante muito tempo, pensamos na expansão agrícola apenas em termos de ocupar terra. O desafio agora é ocupar espaços de inteligência. No caso da cannabis, estamos construindo as bases técnicas para uma cadeia produtiva segura, rastreável e adaptada à realidade brasileira, articulando agricultura, saúde, indústria e políticas públicas”, pontua.

Uma visão de Daniela sobre o futuro da cidade é tão estruturada quanto o Plano Piloto. Daqui a uma década, ela projeta uma Brasília que não apenas abraça o poder, mas que exporta inteligência e regulação científica para o mundo. “Gostaria de ver o tema da cannabis tratado com naturalidade e responsabilidade, sob uma perspectiva agrícola e industrial consolidada”, projeta.

Para a cientista, o legado de JK de integrar o país ganha, agora, uma nova versão. Se em 1960 a integração foi territorial, as pesquisas de Daniela propõem uma integração pela inteligência, na qual o coração do Brasil se torna o motor de uma soberania tecnológica.

## Legado alimentar para o amanhã

» DARCIANNE DIOGO

Inovação nem sempre significa criar algo inédito — em muitos casos, exige recuperar o que foi deixado para trás. Essa lógica orienta a trajetória do agrônomo Nuno Rodrigo Madeira, de 54 anos, que mora em Brasília desde 2002. Nascido no Rio de Janeiro, ele se mudou para a capital para ingressar na Embrapa Hortaliças, no Gama, onde construiu uma trajetória singular ao apostar em um campo historicamente marginalizado pela ciência agrônoma.

Em um cenário dominado por grandes cadeias produtivas e monoculturas, seu trabalho reposiciona as chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC) como alternativas estratégicas para o futuro da alimentação.

O ponto de inflexão na carreira aconteceu em 2006, quando passou a ser curador de uma coleção de germoplasma de hortaliças não convencionais. “A partir daí,

percebi que a preservação dessas espécies não poderia se restringir ao armazenamento em coleções científicas. A conservação efetiva se faz pelo uso”, afirma o pesquisador, destacando que o esforço envolve tanto o cultivo quanto a promoção do consumo dessas plantas.

Para Nuno, o alcance dessa proposta extrapola os limites da agricultura convencional e dialoga com diferentes áreas do conhecimento. “O trabalho nasce a partir dos quintais produtivos, tem forte aderência com a agricultura urbana e o paisagismo produtivo, é naturalmente de base agroecológica, multidisciplinar com forte diálogo com a nutrição e ciências da saúde e com a culinária e a gastronomia”, descreve.

Nesse processo, espécies antes tratadas como secundárias ganham novo protagonismo. Madeira chama atenção para o fato de que muitas dessas plantas — como araruta, mangarito, ora-pro-nóbis, taioba, berta-lha, almeirão-roxo, língua-de-vaca,

peixinho-da-horta e inhame-cará — foram progressivamente excluídas da alimentação cotidiana.

“A perda dessas referências em nossos hábitos alimentares foi ocorrendo lentamente, resultado da urbanização e da verticalização das cidades, da globalização e da massificação da alimentação”, analisa. Ao mesmo tempo, ele aponta que esse movimento trouxe consequências concretas para a saúde e para a diversidade alimentar.

Nesse sentido, Brasília aparece como elemento estruturante da trajetória de Nuno. O pesquisador destaca que a configuração da cidade favorece o diálogo entre campo e cidade, potencializando a difusão dessas culturas. “Brasília é uma cidade única, por sua pluralidade, um tanto cosmopolita, um tanto regional, muito urbana, mas também muito agrícola”, afirma. Essa característica, segundo ele, cria um ambiente propício para conectar produtores, consumidores e diferentes expressões

Ed Alves CB/DA Press



### Nuno Madeira trabalha com plantas alimentícias não convencionais como alternativa para o futuro da alimentação

e do público, que apontaram a ausência histórica de apoio científico a essas espécies e reconheceram, naquele momento, uma mudança de postura institucional.

“Aquelas declarações me fizeram perceber que eu estava no caminho certo para tentar fazer a diferença, de forma simples mas consistente, de forma coletiva e persistente”, relata.

Mais do que resgatar alimentos do passado, o trabalho de Madeira propõe uma ressignificação. Ao incorporar ciência, nutrição e gastronomia, ele transforma plantas associadas à escassez em ativos estratégicos de um sistema alimentar mais resiliente. “Nosso trabalho tem sido justamente sensibilizar as pessoas”, afirma, ao enfatizar a necessidade de reconectar as novas gerações com a origem dos alimentos e com formas mais diversas de produção e consumo.

## Meu encontro com Brasília

» FREDERICO DE HOLANDA

### Estranheza e fascínio

Há exatos 54 anos, em 21 de abril de 1972, eu adentrava, com minha esposa, Rosa, o Eixo Rodoviário Sul de Brasília, dirigindo um fusquinha velho. Sou recifense, lá me formei em arquitetura em 1966, trabalhei no Maranhão na construção de uma cidade entre 1967 e 1969 (Nova Iorque-MA), onde conheci Rosa, mudamos, juntos, para o Rio, onde residimos entre 1969 e o início de 1972.

Portanto, para um urbanista inveterado, que amava o Recife, depois o Rio, e ia pelo menos uma vez por semana a Copacabana — a meu ver, o bairro de maior urbanidade — onde todas as gentes e práticas se misturam em grande quantidade — o primeiro sentimento com Brasília foi de estranheza, algo profundamente enigmático. Carecia entender o sentimento, e isso constituiu meu principal eixo de reflexão, a partir de 1972, como docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de Brasília.

Minha primeira atenção voltou-se ao centro urbano. Centro? Brasília tem “centro”? O que era assim denominado parecia um arquipélago de setores especializados, separados entre si por vias expressas, vastos parques de estacionamento (de carros), grandes áreas desocupadas — tudo ao contrário da Av. Rio Branco + Cinelândia (Rio), ou da Av. Paulista + Parque Triunfo (São Paulo), ou do Largo do Pelourinho + Rua Alfredo Brito + Terreiro de Jesus (Salvador). Meu trabalho com os estudantes de projeto consistia em “tapar buracos”, como o existente entre os dois Setores de Diversões, ao longo da Plataforma Rodoviária, esta, o ápice da concentração de pessoas no centro.

Por outro lado, minhas crianças nasceram e cresceram em superquadras, eu via a intensidade como elas usavam o “lá embaixo do bloco”, e faziam amizades puramente fruto da vizinhança — portanto “determinadas” pelo espaço. Mas não só: os adultos (como nós) também usufruíam o lugar, por puro deleite ou para caminhadas pelas calçadas. Contudo, se isso ocorre dentro das superquadras, não ocorre entre

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



superquadras: para dar exemplo extremo, basta pensar no pesadelo que é ir das quadras “100” para as quadras “200” do Plano, atravessando o Eixo Rodoviário, em qualquer dos modos possíveis.

Quanto aos espaços monumentais, minha sensação eram uma mescla de afetos: extasiava-me com sua beleza, mas incomodavam-me seu isolamento e suas dimensões: a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes são um apêndice urbano, “pendurado” no resto da cidade pela Plataforma Rodoviária. O lugar me lembrava a equação monumentalidade

culturais ligadas à alimentação.

A experiência na capital também ampliou o escopo de sua atuação. Madeira reconhece que, ao longo do tempo, foi necessário expandir o diálogo para além do público técnico. “Dialogar para além da agronomia, não só para agricultores e técnicos da área, mas para cidadãos comuns”, pontua, ao destacar a importância de tornar o conhecimento acessível sem perder a consistência científica.

Um episódio específico ajudou a consolidar essa percepção. Em 2008, Nuno participou de uma mesa redonda sobre alimentos tradicionais no Terra Madre Brasil, evento do Slow Food que reuniu mais de 600 pessoas. Ao lado de chefs de Brasília, Pirenópolis e Tiradentes, ele apresentou suas pesquisas ainda em fase inicial. O debate que se seguiu foi marcado por manifestações emocionadas de profissionais

— autoritarismo, tão martelada pelos críticos luminosos da arquitetura moderna.

Então, em 1976, conheci o sítio arqueológico de Teotihuacán. Foi um choque. Quando pisei na Av. dos Mortos, ladeada pela Pirâmide do Sol e por palácios governamentais, e coroada pela Pirâmide da Lua, pensei: como é possível? Estou numa Brasília do séc. I d.C.! Mais: a avenida tem 2.000 metros de comprimento, a exata distância entre... a Plataforma Rodoviária e o Congresso Nacional, em Brasília.

Daí em diante, esses espaços de exceção, como passei a chamá-los, viraram minha obsessão. Seus atributos principais: grandes dimensões, relativo isolamento, abrigando exclusivamente funções político-cerimoniais-simbólicas. Através dos milênios, ocorrem em sociedades que não constroem apenas para

os aspectos prático-econômicos da vida cotidiana, mas sobre investem no simbólico: Brasília, sim, mas também Versailles (séc. XVII d.C.), a Cidade Proibida de Beijing (séc. XV), os castelos feudais franceses (séc. XII d.C.), os Centros Cerimoniais Maías (séc. III a VII d.C.), as pirâmides do Egito Antigo (séc XXV a.C.), Stonehenge (séc. XXX a.C.) — a tradição vai longe. Por que, hoje, todos atraem multidões de visitantes?

As sociedades que construíram esses lugares eram mais complexas do que sugeria a equação monumentalidade = autoritarismo, principalmente quando confrontadas com sociedades que não o fizeram — o confronto tornou-se o tema de minha tese de doutorado. Minha admiração por Brasília só cresceu, e sempre que volto do Plano para casa, mesmo fazendo um caminho mais longo, dou um jeito de entortar o percurso e passar pela Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes, experimentando de novo, e de novo, e de novo, o fascínio com o lugar.

**Frederico Holanda é professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)**